



ESPANTO E ADMIRAÇÃO: a sala de aula como *locus* criativo para o fazer filosófico

Everton de Jesus Silva¹

Fernanda Monzato Machado de Jesus²

RESUMO: Este artigo tem por finalidade fazer um estudo sobre a importância da disciplina Filosofia no Ensino Médio, demonstrando de que maneira ela pode contribuir para a formação do pensar autônomo, crítico e reflexivo dos estudantes. Objetiva-se também demonstrar os desafios que os professores encontram em sala de aula para lecionar esse saber. Outro ponto fundamental a ser destacado é que, através do processo de ensino-aprendizagem, professor e aluno são sujeitos ativos no processo do conhecimento.

Palavras-chave: Filosofia; Ensino Médio; Professor; Aluno.

ABSTRACT: This article aims to make a study on the importance of the discipline Philosophy in High School, demonstrating how it can contribute to the formation of autonomous, critical and reflective thinking of students. It also aims to demonstrate the challenges that teachers encounter in the classroom to teach this knowledge. Another fundamental point to be highlighted is that, through the teaching-learning process, teacher and student are active subjects in the knowledge process.

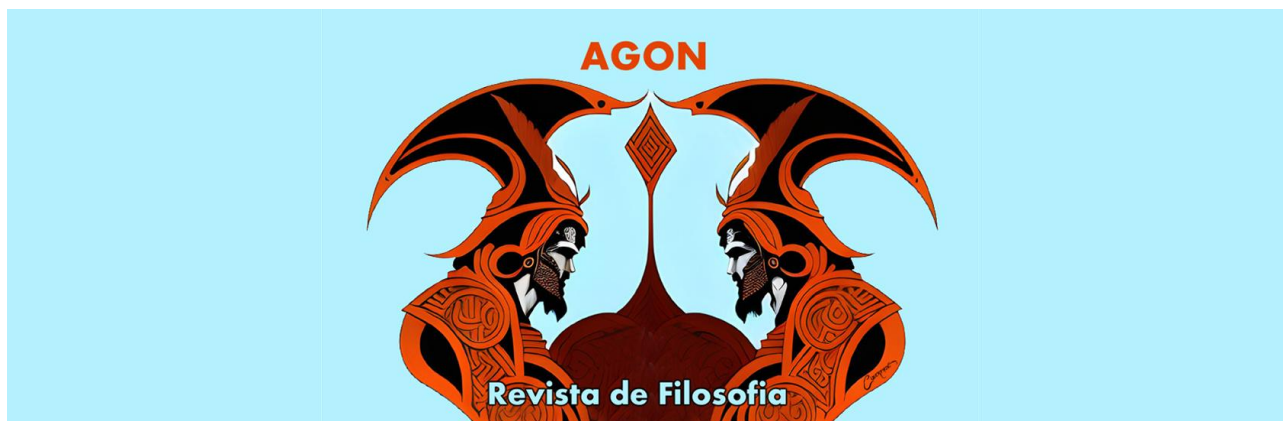
Keywords: Philosophy; High School; Teacher; Student.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como finalidade fazer uma reflexão acerca da Filosofia no Ensino Médio, buscando demonstrar a importância e a finalidade dessa disciplina para a formação humana e crítica dos alunos. O objetivo é demonstrar que a Filosofia não é uma disciplina secundária, mas é tão importante quanto as demais para a construção e a formação do sujeito pensante. Num primeiro momento, a reflexão gira em torno de uma

¹Mestre em Filosofia pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ. Doutorando em filosofia pelo PPGF da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). E-mail: evertonjmj@gmail.com

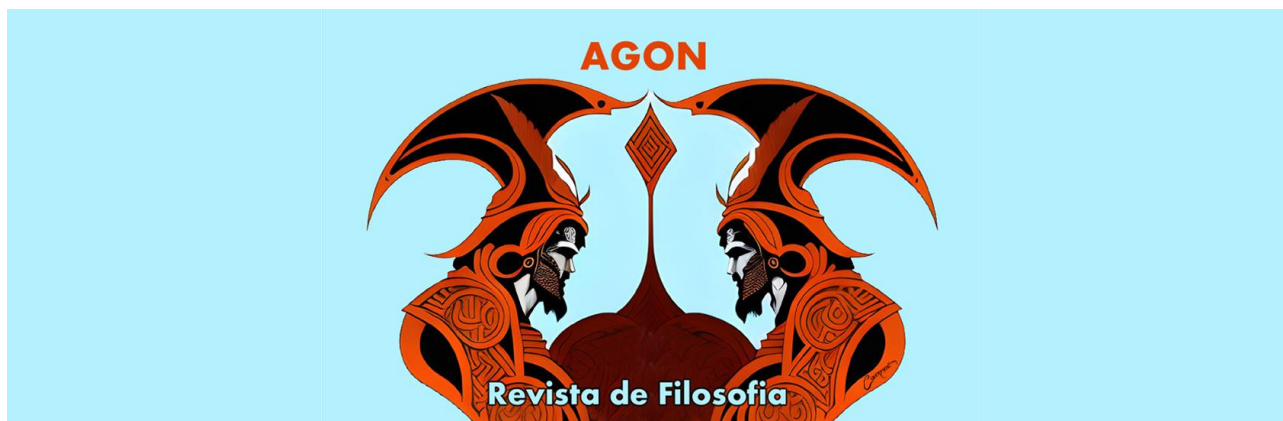
² Mestre em educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares - PPGEUC UFRRJ. E-mail: fernandamonzato@gmail.com



possível definição sobre o que é Filosofia, visto que perguntar sobre o que é a Filosofia e qual a sua utilidade no currículo escolar é uma questão encarada pelo professor diariamente em sala de aula. Daí fazer-se necessário investigar se é possível apresentar uma definição sobre o que é a Filosofia. Num segundo momento, é apresentada a importância e o valor da reflexão filosófica em sala de aula. O objetivo é demonstrar como poderá ela impactar de maneira positiva a vida dos estudantes, na suposição de que a escola precisa ser encarada como um espaço fundamental para o diálogo e para a construção dos saberes.

O QUE É FILOSOFIA?

Nas aulas de Filosofia no Ensino Médio, duas questões surgem, de modo praticamente inexorável e incontornável, nas mentes dos alunos adolescentes. A primeira é: “Para que Filosofia?” E a segunda pergunta é: “O que é Filosofia?” Tais questões demandam e cobram respostas “não apenas sobre a finalidade da Filosofia, mas principalmente sobre sua serventia e sua utilidade” (SILVEIRA; GOTO, 2007, p.53). Quando os alunos externam tais perguntas, percebe-se uma necessidade de imediatismo pela resposta. No entanto, é importante ressaltar que, na rede pública estadual de ensino, a disciplina de Filosofia só se apresenta como parte obrigatória do currículo mínimo a partir da 1ª série do Ensino Médio, gerando assim certo “estranhamento” - o que parece normal, uma vez que o novo causa espanto. Um fato curioso que é bastante observado e constatado em sala de aula, em relação às demais disciplinas que já fazem parte do currículo escolar desde as séries iniciais, é que não se percebem os mesmos questionamentos direcionados à Filosofia. Por exemplo, praticamente ninguém pergunta: Por que tenho que estudar Matemática? Ou ainda: por que tenho que estudar Língua Portuguesa? etc. O que se percebe é que muitos estudantes se sentem incomodados com a sua presença em sala de aula, como eles mesmos dizem: *ela fala de tudo e de nada ao mesmo tempo*. A Filosofia afeta profundamente os adolescentes,

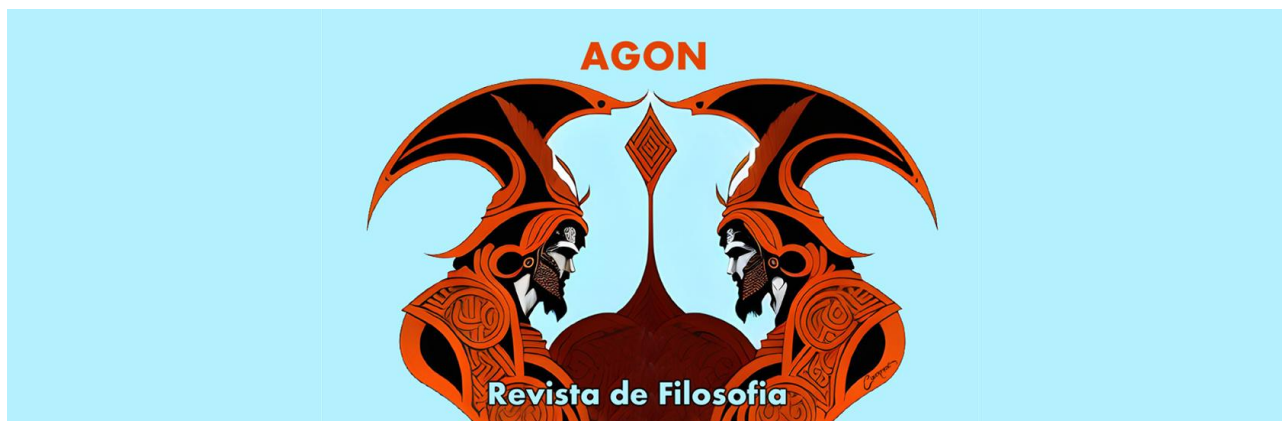


porque não quer que eles sejam passivos, mas ativos na busca do conhecimento. O ser humano, ao perguntar *o porquê* disso ou daquilo, busca saber *o que é* isso e aquilo. Para o Professor Roberto Goto (2007, p.54), da Unicamp,

(...) o adolescente quer saber antes de mais nada para que tem de estudar a disciplina – e a urgência, a impaciência, a insistência e a ansiedade com que ele faz a pergunta tendem a se intensificar na medida mesma em que não recebe uma resposta imediata que possa ser prontamente assimilada. Não raramente, a segunda pergunta aparece logo após a primeira, quase confundida com ela, sem dar ao professor o tempo e o fôlego necessários para respondê-las.

Muitas vezes, essa atitude imediatista dos adolescentes do Ensino Médio em querer saber o que é Filosofia acaba por levar o professor(a) a oferecer uma definição superficial. Tudo isso porque os estudantes querem que todo o saber seja definido com o maior grau de objetividade possível, pois não têm paciência e não querem ter o trabalho de construir junto com o professor uma (possível) definição de Filosofia. Sequer suportam ouvir uma explicação mais demorada. Sabe-se também que isso é uma questão de tempo, uma vez que ainda não estão preparados para longas reflexões.

Diante dos desafios e dos dilemas encontrados pelo professor em função das perguntas dos alunos, ele corre o grave risco de banalizar-lhe a grandiosidade do significado. Isso, na maioria das vezes, se dá por dois motivos: o primeiro é para dar uma resposta à pergunta dos alunos de maneira simples, para que entendam rápido; o segundo é para demonstrar que a Filosofia não é uma disciplina secundária do currículo. Os professores de Filosofia sabem da necessidade de buscar e trazê-la de maneira contextualizada para o mundo dos estudantes, sem banalizá-la e sem desmerecer as demais disciplinas. Ela possibilita uma abertura de novos horizontes, é a janela pela qual olhamos o mundo de um lugar diferenciado. Quando nos lançamos na busca de uma definição da Filosofia,

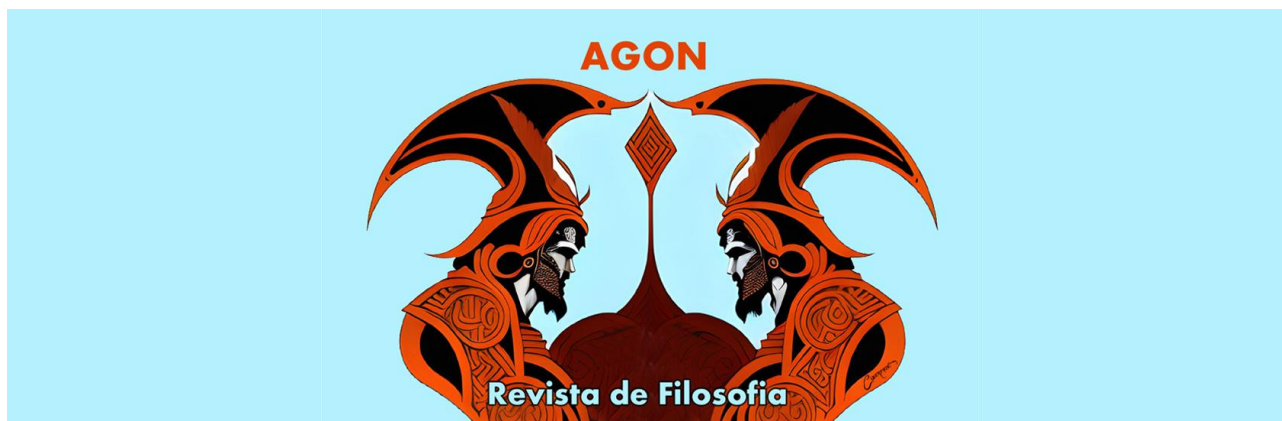


constataremos que esta não é uma tarefa fácil, mas um caminho longo que exige paciência e perseverança. Não é possível apresentar uma definição única do que ela seja, porque não há apenas uma definição, mas muitas; talvez aí se encontre a sua beleza e a sua grandeza. Portanto, percebe-se ainda que, “(...) além de várias, as definições parecem contradizer-se. Eis porque muitos, cheios de perplexidade, indagam: afinal, o que é a Filosofia que sequer consegue dizer o que ela é?” (2007, p.14). A Filosofia é um saber amplo que pergunta não pela superficialidade das coisas, mas pela essência das coisas; por isso, é considerada o

Conhecimento do conhecimento e da ação humana, conhecimento da transformação temporal dos princípios do saber e do agir, conhecimento da mudança das formas do real ou dos seres, a Filosofia sabe que está na História e que possui uma história (2007, p.14).

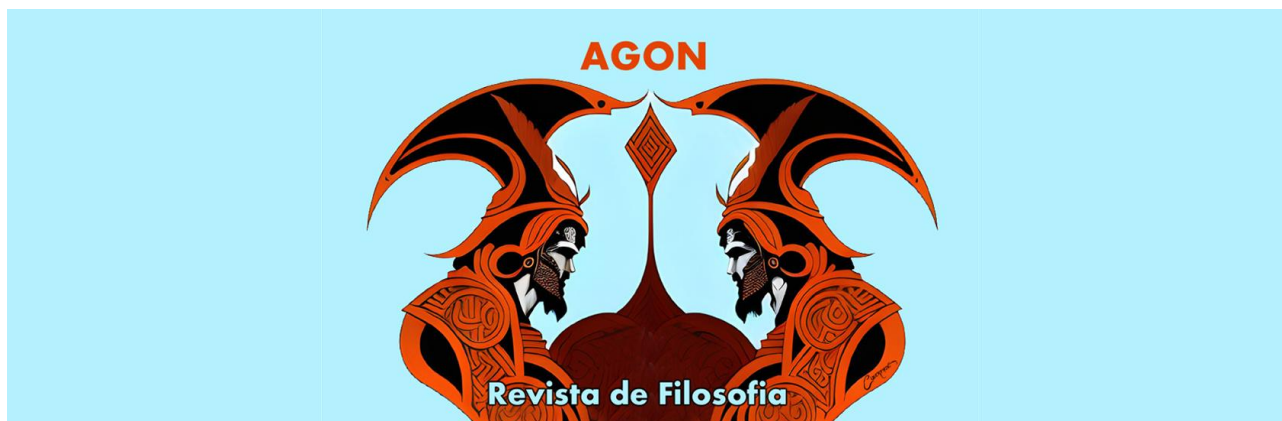
A busca por uma possível definição sobre o que é a Filosofia proporcionou um grande enriquecimento para a discussão filosófica; neste constante de perguntar pelo que é que a Filosofia, é que ela se torna um conhecimento dinâmico. Apresentar uma conceituação unânime sobre o que ela seja seria acabar com a possibilidade de perguntar constantemente o que é. Afinal, o que é a Filosofia? Diante da difícil tarefa de apresentar uma definição precisa sobre ela, o filósofo Immanuel Kant (1992, p.41) sustenta que

A Filosofia é, pois, o sistema dos conhecimentos filosóficos ou dos conhecimentos racionais a partir de conceitos. Eis aí o conceito escolástico dessa ciência. Segundo o conceito do mundo, ela é a ciência dos fins últimos da razão humana. Este conceito ativo confere dignidade, isto é, um valor absoluto, à Filosofia. E, realmente, ela também é o único conhecimento que só tem valor intrínseco e aquilo que vem primeiro conferir valor a todos os demais conhecimentos. A gente termina sempre por perguntar: para que serve o filosofar e o fim último do mesmo – a própria Filosofia considerada como ciência segundo o conceito da escola? Nesse significado escolástico da palavra, a Filosofia visa apenas à habilidade; relativamente ao conceito do mundo, ao contrário, ela visa à utilidade. Do primeiro ponto de vista ela é,



pois, uma doutrina da habilidade; do último, uma doutrina da sabedoria:- a legisladora da razão, e nesta medida o filósofo não é um artista da razão, mas um legislador.

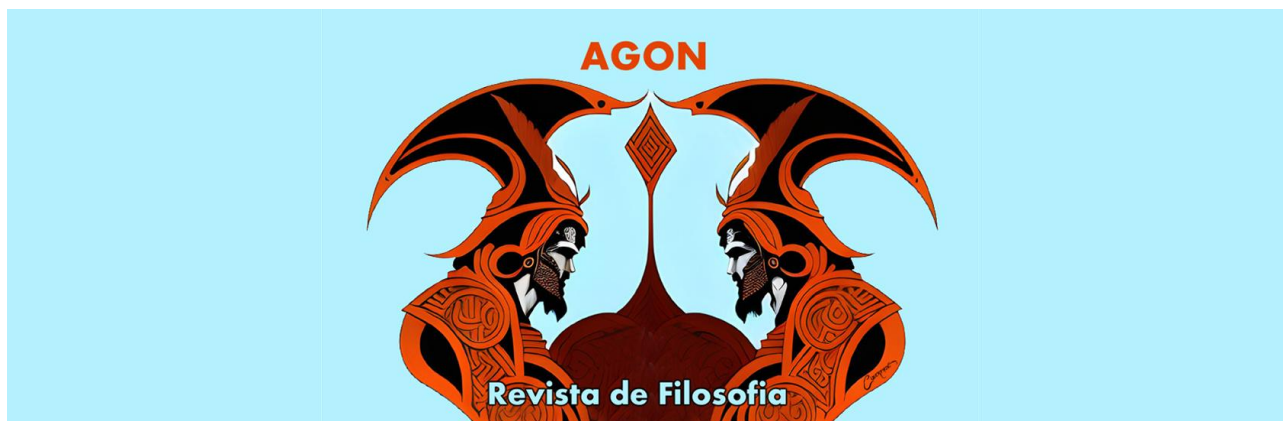
É importante salientar que conhecimento filosófico não se apresenta como um conhecimento dogmático ou que rivalize com as demais ciências e formas de conhecimento. Ao contrário disso, Kant aponta para a importância da Filosofia como fonte de conhecimento que auxilia os “demais tipos de saberes”(1992, p.41). Na sua *Lógica*, Kant atribui um sentido importante à natureza do filósofo, segundo o qual “Ninguém que não possa filosofar, pode ser chamado ou arrogar-se a si o título de filósofo” (1992, p.47). A maneira como a questão é colocada por Kant nos faz pensar que o que caracterizará alguém como filósofo é o fato de possuir a capacidade de filosofar. Neste sentido, alguém que terminou o curso de licenciatura em Filosofia não poderá ser considerado filósofo pelo simples fato de transmitir de modo metódico e sistemático os seus conteúdos. Posto isto, o simples fato de o professor de Filosofia dela falar por possuir um domínio técnico referente aos seus conteúdos não o torna um filósofo. O que Kant pretende nos dizer com isso é que, para ser filósofo, é necessário filosofar. Porém, o que seria esse filosofar? O filosofar aqui não significa um discurso fantasioso e repleto de palavras incompreensíveis - pelo contrário. O filosofar implica a capacidade de um diálogo racional, sistematizado, isto é, comandado pela razão. Desta forma, o filosofar não está ligado a uma mera repetição do que já foi dito pelos pensadores ao longo da história, mas é um pensar crítico, direcionado e autônomo que tem como base o espanto e a admiração do mundo. Filosofar é possuir a sutileza de se embrenhar no mundo dos clássicos, ou seja, no mundo dos pensadores e tomar parte no debate. Em Kant, o ato de filosofar está diretamente ligado ao exercício da razão, ou seja, filosofar não é reproduzir pensamentos (ideias), mas é uma atividade criativa que se dá através da ação, isto é, só é possível filosofar fazendo Filosofia. Nesta mesma linha de raciocínio, podemos pensar a questão da educação, na qual só é possível aprender “fazendo”. Isso se dá porque o



ato de aprender está diretamente vinculado ao ato de fazer, ou seja, é um processo que se dá através da teoria e da prática em torno do objeto que se deseja conhecer. Entretanto, pode-se afirmar que só é possível ensinar Filosofia filosofando, daí a máxima kantiana de que “não se ensina Filosofia, mas a filosofar”. A partir da perspectiva apresentada por Kant, surge outra questão: é possível aprender Filosofia? A resposta a tal questionamento é dada pelo próprio Kant, que faz a seguinte afirmação:

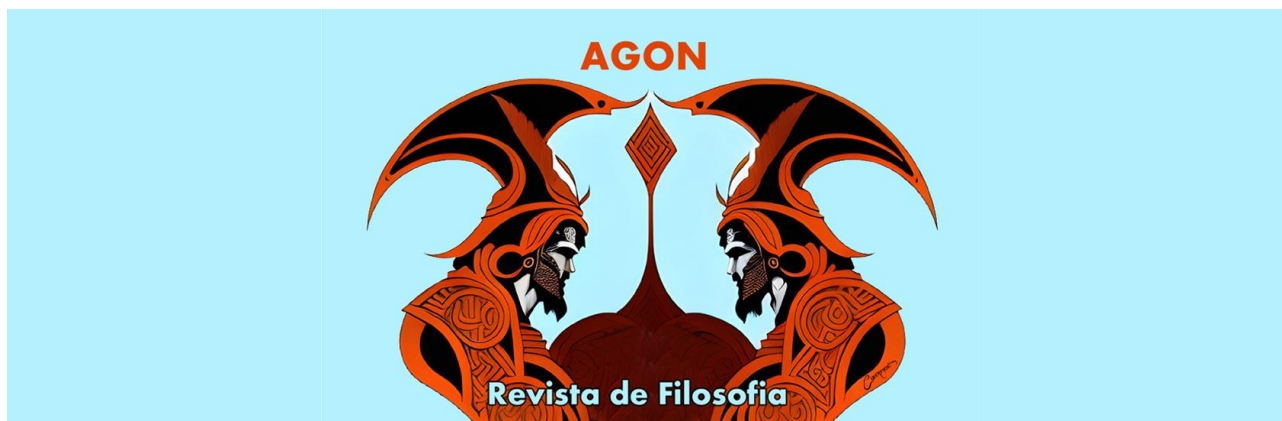
Não se pode aprender Filosofia já pela simples razão que ela ainda não está dada. E mesmo na suposição de que realmente existisse uma, ninguém que aprendesse poderia se dizer filósofo; pois o conhecimento que teria dela seria sempre um conhecimento tão somente histórico subjetivo [...] Quem quer aprender a filosofar tem o direito de considerar todos os sistemas da Filosofia tão somente como uma história do uso da razão e como objetos do exercício de seu talento filosófico. O verdadeiro filósofo, portanto, na qualidade de quem pensa por si mesmo, tem que fazer um uso livre e pessoal de sua razão, não um uso servilmente imitativo (KANT, 1992, p.47).

Kant aponta para a impossibilidade de aprender Filosofia e, por consequência, a impossibilidade de ensiná-la. Num primeiro momento, causa uma certa estranheza a maneira como essa questão é colocada pelo filósofo, uma posição ‘cética’ vinda de um pensador que dedicou sua investigação a elevá-la à condição de uma ciência segura. Contudo, essa estranheza é dissipada à medida que se compreende que a impossibilidade de ensiná-la é transposta pela alternativa kantiana que sustenta a tese de que é possível filosofar. Diante da impossibilidade de aprender e de ensinar, Kant nos aponta para a possibilidade de aprender a filosofar. Como deverá ser a relação existente entre professor e aluno, para que seja possível a prática do filosofar? Esse processo, para que possa ser bem-sucedido, precisa levar à autonomia de pensamento. Assim, a tarefa de um professor deve ser conduzir o estudante por um certo caminho, de tal maneira que possa, com o passar do tempo, ser capaz de caminhar por conta própria e encontrar seu próprio rumo. É preciso



instigar no aluno o desejo de ir além, oferecendo as condições necessárias para que possa percorrer o seu caminho. Neste sentido, Paulo Freire dirá que ensinar “não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (FREIRE, 1996, p.52). Isso porque “Quando entro em sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, a suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho – a de ensinar e não a de transferir conhecimento”(1996, p.52).

A função do professor aqui é apontar o caminho e não simplesmente trilhá-lo no lugar do aluno; caso contrário, o máximo que ele conseguirá é simplesmente repetir - e isso seria algo negativo, pois, não estaria criando nada de novo que pudesse permitir a criação de um pensamento crítico e criativo. Isso seria incompatível com a Filosofia e o filosofar. Ensinar a filosofar nos faz pensar sobre a necessidade e a importância de desenvolver uma criticidade nos estudantes; no entanto, vale ressaltar que isso representa uma tarefa árdua que demanda tempo, perseverança e comprometimento por parte do professor. Um dos possíveis caminhos para que isso possa ocorrer seria através do diálogo intenso entre educador e educando, pois é precisamente através dessa interação que melhor poderá ocorrer o ato do filosofar. Nesse diálogo, o professor, juntamente com os seus alunos, deverá estabelecer um diálogo com os clássicos da Filosofia. A finalidade de retomar os clássicos não deverá ser entendida como uma forma de ficar preso ao passado; ao contrário: o objetivo é torná-los presentes nos dias de hoje. A intenção é fazer com que os estudantes possam compreender que a Filosofia não está presa temporalmente aos pensadores do passado, mas que o pensamento de tais filósofos continua atual, ajudando-nos a compreender e a resolver problemas que se manifestam nos dias de hoje. Desse modo, a Filosofia possui uma tarefa importante para a formação do indivíduo, pois possibilita o desenvolvimento de um pensamento independente e crítico, gerando espaços de experimentação do pensar



individual. Ela deve estimular a reflexão e o pensamento crítico; por isso, é fundamental uma vez que favorece a boa formação dos jovens, contribuindo para a formação de cidadãos conscientes de seu papel na sociedade. Sendo assim, fazer Filosofia significa crescer e, ao mesmo tempo, permitir o crescimento do outro. Tal crescimento filosófico se dá a partir do momento em que o indivíduo é estimulado a pensar por si, é levado a interpretar criticamente os acontecimentos do cotidiano; fazer Filosofia é ter o olhar atento a tudo à nossa volta. Assim, a função do professor de Filosofia é ensinar a pensar criticamente e a contestar as contradições e atrocidades que presenciamos no mundo que nos cerca.

A REFLEXÃO FILOSÓFICA NA SALA DE AULA

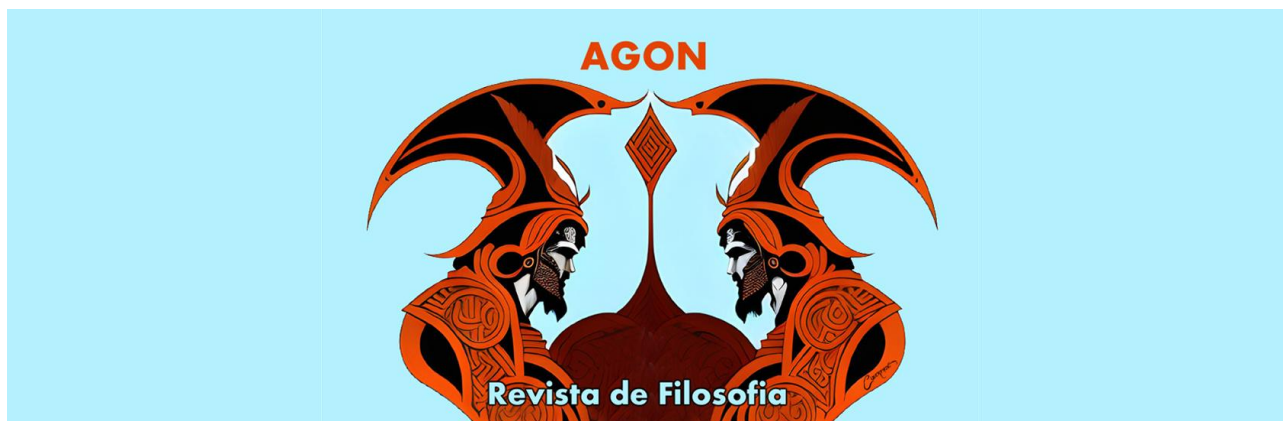
Pensar o ensino da Filosofia na sociedade contemporânea nos faz refletir sobre a validade de um conhecimento que surgiu há aproximadamente dois mil e quinhentos anos antes de Cristo e que continua muito atual nos dias de hoje. A reflexão filosófica proporciona aos alunos a oportunidade de desenvolver um pensamento independente e crítico, isto é, permite a ele experimentar um pensar individual, que também é fruto de um amadurecimento coletivo. A escola é um espaço fundamental para que os indivíduos possam exercitar suas potencialidades, levando-os a um investigar criterioso e ao mesmo tempo rigoroso de sua existência. A Filosofia é o exercício constante do pensar e da busca pela verdade, que vai se dando e se construindo a partir da reflexão. Por isso, o potencial reflexivo dos alunos deve ser explorado em sala de aula, através de leituras e debates com a finalidade de fazer os jovens refletirem sobre a realidade que os cerca. A Filosofia na sala de aula tem como meta a construção da autonomia do sujeito e a sua liberdade de pensar.

Seu objetivo no Ensino Médio é possibilitar condições que possam permitir os estudantes a ter um olhar crítico e reflexivo diante da realidade. A finalidade é fazer com que o aluno adote uma postura de um sujeito questionador, capaz de se preocupar com a clareza



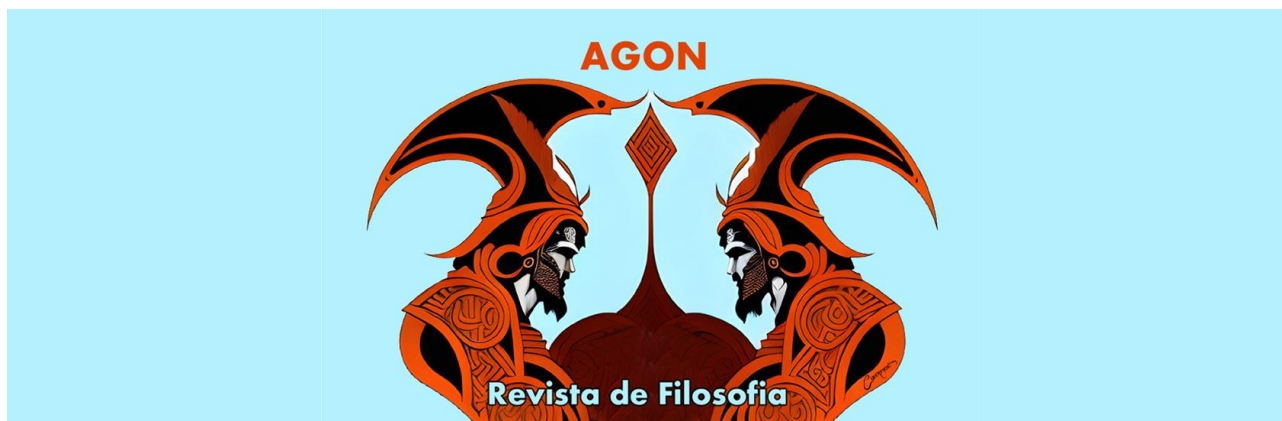
conceitual e o rigor lógico dos nossos pensamentos. A Filosofia é de grande importância porque fornece elementos teóricos necessários para o desenvolvimento do homem, no que diz respeito à atitude teórico-especulativa humana. Diferentemente das demais disciplinas, a Filosofia não tem a pretensão de dar resposta pronta aos alunos, já que assume um papel mais questionador da realidade. Este é o seu lugar na história. Na maioria das vezes, os estudantes se mostram assustados pelo constante perguntar da Filosofia pelo que é, por que é, e como é. É neste sentido que, ao entrar em sala de aula, ela se apresenta como um conjunto de questionamentos - e não de respostas. O objetivo é criar condições para o pensar filosófico dos alunos, para que possam apresentar respostas para as suas próprias questões. Na sala de aula, o professor de Filosofia precisa criar condições que possam ajudar os alunos a assumirem uma postura filosófica. O primeiro passo para a obtenção de tal postura é enfatizar a importância da Filosofia e do filosofar. O professor deverá demonstrar aos jovens que esse saber não é um conhecimento desconectado de nossa realidade cotidiana, mas demonstrar a presença constante de questões e de problemas de dimensões filosóficas que encontramos diariamente.

O educador precisa ser paciente e atencioso para introduzir os educandos no mundo do conhecimento, até porque estão repletos do senso comum e também porque a Filosofia se apresenta como uma novidade no Ensino Médio. Com o passar do tempo, e através do exercício do filosofar, os alunos serão capazes de verificar, ainda que seja de forma superficial, problemas éticos, epistemológicos, ou seja, problemas conceituais em geral. Nas aulas dessa disciplina, o professor deverá olhar a realidade de maneira filosófica, isto é, pensar os acontecimentos além da sua aparência imediata e elaborar sempre abordagens de dimensões filosóficas, para que o aluno possa ir treinando (exercitando) o seu senso filosófico. Contudo, como isso acontecerá na prática? Na prática, isso se dará através de aulas dinâmicas, participativas e abertas, ou seja, é necessária a existência da aula dialogada



com os estudantes e não apenas aquela aula expositiva na qual só o professor fala. Só é possível fazer Filosofia e filosofar através do diálogo. Isto porque, o diálogo como princípio filosófico nos ajuda a entender a Filosofia não como algo abstrato, mas como algo concreto que faz parte da vida, pois lida com questões essenciais da existência humana.

As aulas de Filosofia precisam ser um constante dialogar - se possíveis trabalhadas em círculo, pois é preciso aproximar o aluno do conhecimento filosófico também sob o aspecto físico. Todavia, isso nem sempre é uma tarefa fácil, visto que em sala de aula, todos os alunos são diferentes, carregam uma cultura diferente, um modo de pensar diferente e vêm de um contexto histórico e social diferente. Sabe-se que a sala de aula é um ambiente de interação entre seres diferentes, mas esse é um espaço propício aos que se encontram e se comunicam através do diálogo filosófico. Por isso, a sala de aula deve ser uma troca de experiência que possibilitará a solidificação do conhecimento. As aulas de Filosofia se tornam mais participativas e construtivas quando o professor dessa disciplina convida os alunos a participarem da discussão expondo as suas ideias: essa troca de ideias entre aluno e professor torna as aulas dinâmicas e criativas. O segundo passo a ser tomado para uma boa reflexão filosófica em sala de aula é fazer dela um ambiente questionador. As temáticas a serem trabalhadas devem ser problematizadas antes de o professor apresentar o conteúdo que as discutirá. Para que os jovens possam ter um contato maior com a disciplina e até mesmo entender um pouco da dimensão dessa ciência, é importante estudar a história da Filosofia, e as noções básicas da lógica, visto que essas duas dimensões do conhecimento filosófico são elementos importantes para o filosofar, o que poderia ser entendido aqui como uma espécie de conteúdo mínimo. A reflexão filosófica em sala de aula possibilita aos estudantes uma abertura para um pensar questionador e dão ao aluno condições para a elaboração de um pensar estruturado. O “ensino” da Filosofia permite aos educandos uma nova possibilidade de ver e entender o mundo de uma maneira diferente. Nesta linha de



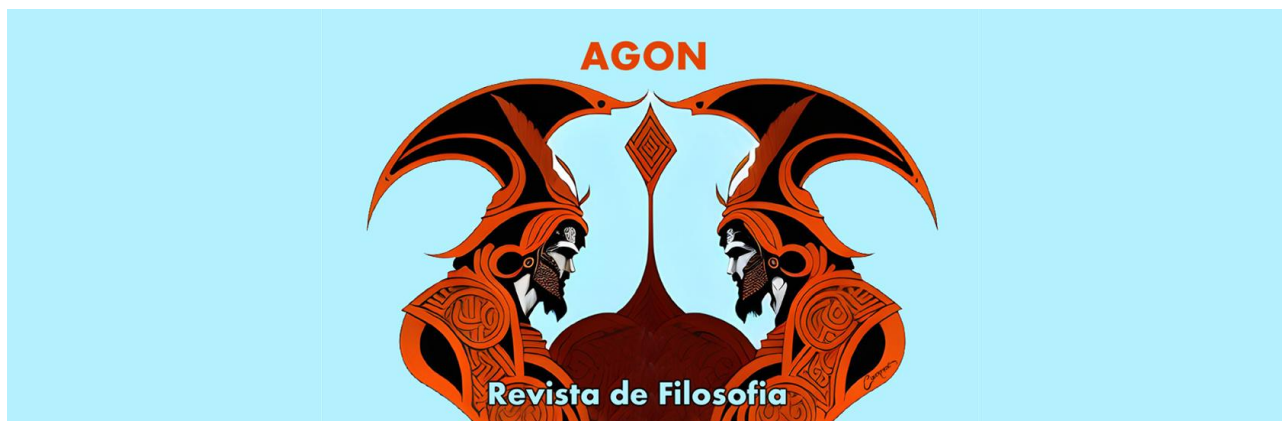
raciocínio, pode-se dizer que

A Filosofia é uma atividade de fazer experiências do pensamento, transversalmente atravessando o vivido e construindo sentidos para esses acontecimentos. Escalar as alturas e mergulhar nas profundezas, sem perder o sentido da superfície. Nietzsche já demonstrou, em vários de seus escritos, que a Filosofia é algo que está para além dos padrões de normalidade, afirmando que para aqueles que se dedicam à Filosofia é necessário acostumar-se com os ares gelados e rarefeitos das altas montanhas. Não se contentar com as explicações corriqueiras, com a *doxa*, com as facilidades oferecidas por uma literatura barata e pela mídia eletrônica ainda mais diluída; mas experimentar, buscar estados alterados, buscar o diferente, o desviante, o devir (GALLO; KOHAN, 2000, p. 192)

A tarefa de dedicar-se ela implica assumir como postura a ideia do devir, isto é, do seu inacabamento. Fazer Filosofia significa lidar com um conhecimento que não está pronto, acabado, mas consiste em lidar com um tipo de saber que se encontra num constante processo de atualização e que se apresenta sempre como uma novidade. O professor de Filosofia é o grande responsável por encaminhar os alunos nessa longa busca pelo conhecimento, acreditando que ela pode contribuir de maneira significativa para o seu processo formativo. Kant destaca, de maneira contundente, o que se espera de um professor em sala de aula. Ele nos ensina que:

De um professor espera-se, pois, que ele forme em seu ouvinte, primeiro o homem sensato, depois o homem racional e, por fim, o douto. Semelhante procedimento tem a vantagem de que o aprendiz, mesmo que jamais chegue ao último grau, como em geral acontece, ter sempre ganho alguma coisa com o ensino e se ter tornado mais exercitado e mais atinado, senão perante a escola, pelo menos perante a vida (KANT, 1992, p.173).

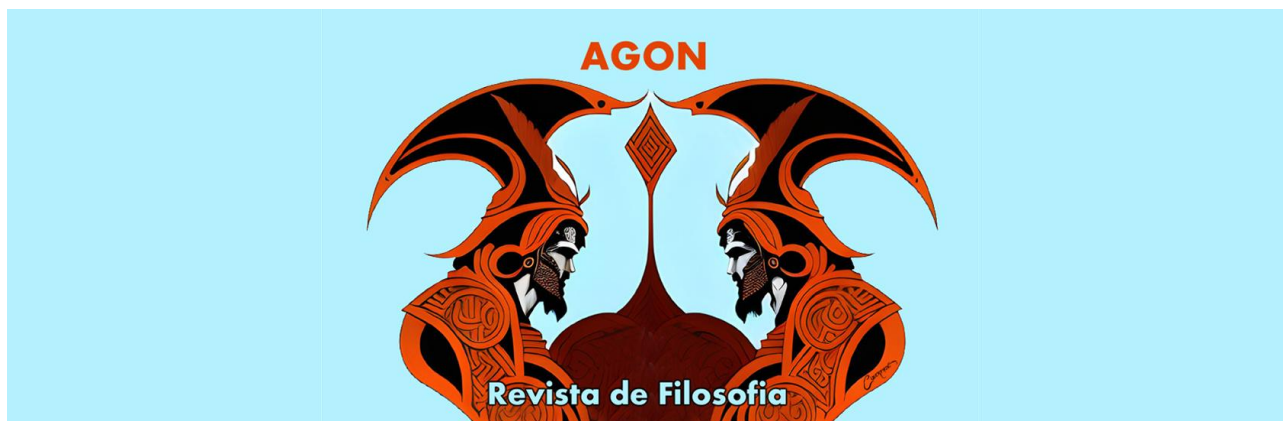
Kant acredita que o melhor método para o ensino de Filosofia é aquele que, além de ensinar, também interroga – ou seja, diferentemente das demais disciplinas, esta não deve ser compreendida como uma atividade meramente teórica, mas exige uma vivência, um



incômodo, uma insistência e uma perseverança. Com esse método, pretende-se, pois, ajudar no desenvolvimento da capacidade do pensamento, isto é, na capacidade de reflexão. A Filosofia tem por finalidade ajudar o estudante a não se contentar com as respostas dadas, mas a buscar novas explicações para os fenômenos, a superar os dogmas estabelecidos. É neste sentido que contribui para o desenvolvimento eficaz e pleno da razão humana. Como nos diz Kant (1992, p. 155),

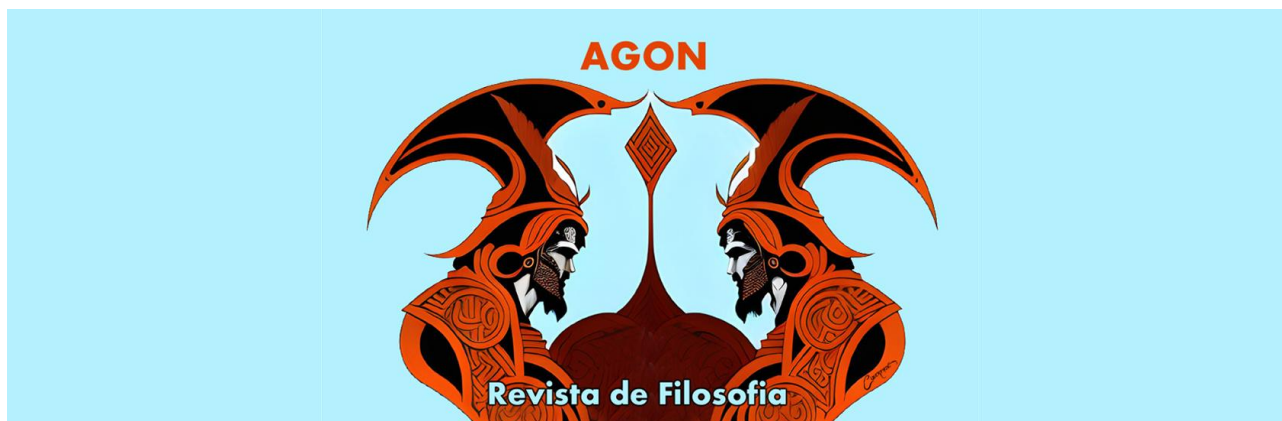
A razão é, sem dúvida, um princípio ativo que não deve tomar nada emprestado da autoridade alheia e, em se tratando de seu uso puro, nem sequer da experiência. A indolência faz, porém, que um número muito grande de homens prefira seguir as pegadas de outrem ao invés de empenhar as forças da própria inteligência. Homens desse jaez só podem se tornar sempre cópias de outros, e, se todos fossem dessa espécie, o mundo permaneceria eternamente em um só e mesmo lugar. É, por isso, de alta necessidade e importância que a juventude não se mantenha, como costuma ocorrer, a imitar pura e simplesmente.

Sem dúvida, é inegável a importância do exercício filosófico no Ensino Médio que, além de contribuir diretamente para a formação dos alunos, atua de maneira interdisciplinar, ou seja, estabelecendo relações com as demais especialidades (disciplinas), porque contribui para o crescimento do ser humano em geral, na realização de sua vocação para o conhecimento. Vale destacar que a função da Filosofia não é repetir mais uma vez o que já foi dito em algum momento no decorrer da história, mas procurar conhecer. Isto significa fazer a própria caminhada e não apenas seguir as pegadas de outrem. O professor de Filosofia em sala de aula precisará fomentar nos alunos a busca pela curiosidade, fazer com que se sintam insatisfeitos com as “verdades” que lhes são apresentadas, despertando-



os assim para um desejo latente do conhecimento, pois o desejo pelo conhecimento faz parte da essência do homem. Aristóteles (2005, p. 3) em sua *Metafísica* nos diz que “todos os homens, por natureza, tendem ao saber”. Para o Estagirita, o homem por si só sempre aspirou e aspira ao conhecimento, pois sempre trouxe consigo o desejo de saber. Posto isso, pode-se dizer que essa é a atribuição da Filosofia: ela se mostra como uma forma de saber que é indispensável para a realização plena de tal ser. O conhecer faz parte da essência humana, é preciso buscar o conhecimento com a finalidade de libertar-se do mundo da ignorância. Através da Filosofia, portanto, é possível buscar a libertação e a contemplação da verdade.

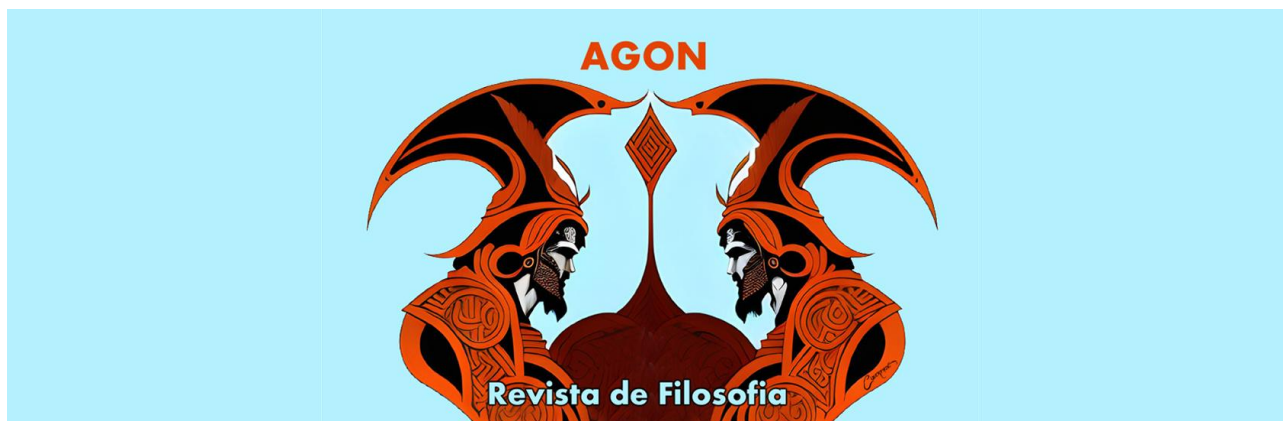
Na perspectiva kantiana, o ensino da Filosofia é de grande relevância, pois ajuda o indivíduo a se orientar e a familiarizar-se, cada vez mais, com a situação do mundo. Kant é bastante incisivo ao dizer que o aluno não deve simplesmente aprender pensamentos, mas aprender a pensar. No entendimento do filósofo, o aprender pensamentos está ligado ao fato de repetir um conhecimento já alcançado - isso não seria interessante dentro da perspectiva do conhecimento, pois não haveria nada de novo a não ser reproduzir o que, de alguma maneira, já estava dado. Para Kant, o objetivo maior do professor seria criar as condições favoráveis que pudessem levar o aluno a aprender a pensar, isto é, dar a ele os elementos necessários para realizar o seu caminho de maneira autônoma e segura. Dessa maneira, o professor que carrega o aluno nos “ombros” estaria prestando um desserviço à Filosofia, pois não estaria contribuindo para que o mesmo ganhasse uma estrutura e, no futuro, caminhasse com uma certa autonomia. Tendo em vista o que já foi exposto até aqui, pode-se dizer que é notável que este seja um dos grandes desafios da Filosofia em sala de aula: fazer com que os alunos pensem por si mesmos. Kant acredita que, quando o estudante aprende a pensar, consegue expor suas próprias ideias e conclusões de um modo claro e preciso. Sendo assim, pode-se dizer que a função determinante de um professor de Filosofia



em sala de aula é possibilitar as condições favoráveis para que esse processo aconteça. A Filosofia é diferente das demais disciplinas porque, para estudar, é necessário fazê-la. Nesta perspectiva, pode-se dizer que não é necessário saber pintar para ser um historiador de arte; para estudar poesia não é necessário ser um poeta; da mesma maneira que não é necessário saber tocar um instrumento para estudar música. Porém, para estudar Filosofia é necessário e de suma importância que nos entreguemos genuinamente à argumentação filosófica. As dificuldades encontradas nos dias de hoje em relação ao ensino da Filosofia não são apenas uma dificuldade deste século. Immanuel Kant, ainda no século XVIII, já tinha consciência dessa dificuldade. Ele nos diz:

Só é possível aprender a filosofar, ou seja, exercitar o talento em certas tentativas filosóficas já existentes, mas sempre reservando à razão o direito de investigar aqueles princípios até mesmo em suas fontes, confirmando-os ou rejeitando-os (KANT, 2001, p. 407-408).

De acordo com o pensamento kantiano, só é possível filosofar porque o apreender Filosofia propriamente dito estaria numa dimensão muito elevada, que exigiria muito de um estudante - o que só seria possível numa condição futura. Em outras palavras, para aqueles que atingem a maturidade, ou seja, a idade adulta. O objetivo da disciplina de Filosofia no Ensino Médio deve ser proporcionar condições que levem o aluno a filosofar. Nesse sentido, pode-se perguntar: por que o ato de filosofar seria fundamental? O ato do filosofar é fundamental para a vida dos alunos e deve ser entendido como uma atitude provocadora da inquietude no aluno, do perguntar e do perguntar-se; para que assim ele possa raciocinar de maneira crítica e reflexiva, possa discutir metodicamente sobre um determinado tema e consiga alcançar um saber sobre si mesmo e sobre o mundo. A importância do questionar e do filosofar nos faz lembrar do método dialógico de Sócrates, que proporciona às pessoas reconhecerem as suas limitações e, possivelmente, a se libertar do mundo da ignorância.

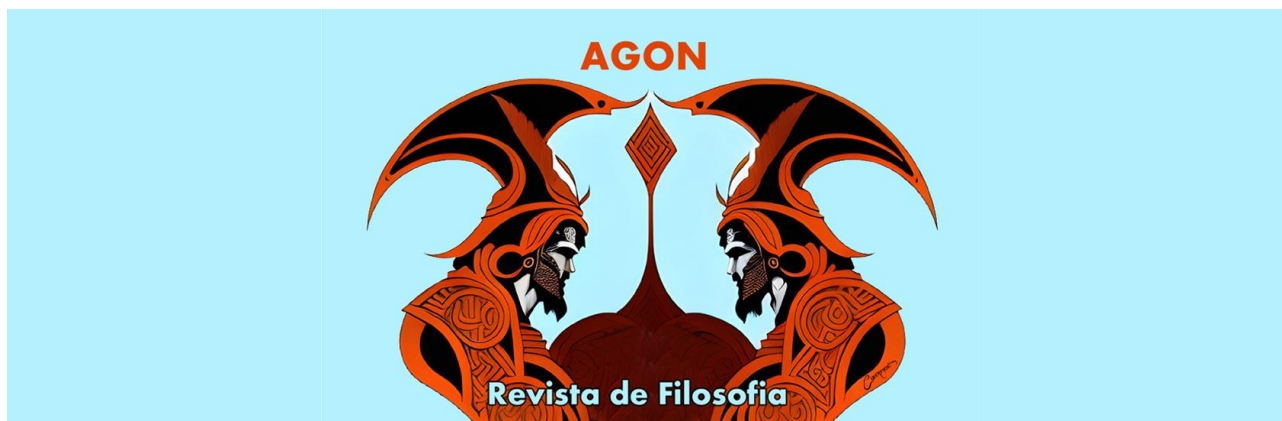


Através do diálogo, Sócrates conduzia o seu aluno a buscar um conhecimento que estava dentro de si e que, na maioria das vezes, não tinha sua existência percebida - até porque estava repleto de opiniões, achismos e crenças. O diálogo entre professor e aluno possibilita o reconhecimento de ambos os lados a reconhecerem os próprios limites e tais dicotomias para a concepção de que não estão prontos (acabados). Sobre esse método socrático de ensino, Kant (2001, p. 297) dirá:

(...) com efeito, o diálogo socrático por perguntas ensina o aprendiz a conhecer seus próprios princípios racionais e aguça sua atenção para eles. Por meio da “catequese” comum, porém, não se pode ensinar, e sim apenas indagar sobre o que foi acromaticamente ensinado – de modo que o método catequético vale tão – somente para os conhecimentos empíricos e históricos, ao passo que o diálogo vale, ao oposto, para os racionais.

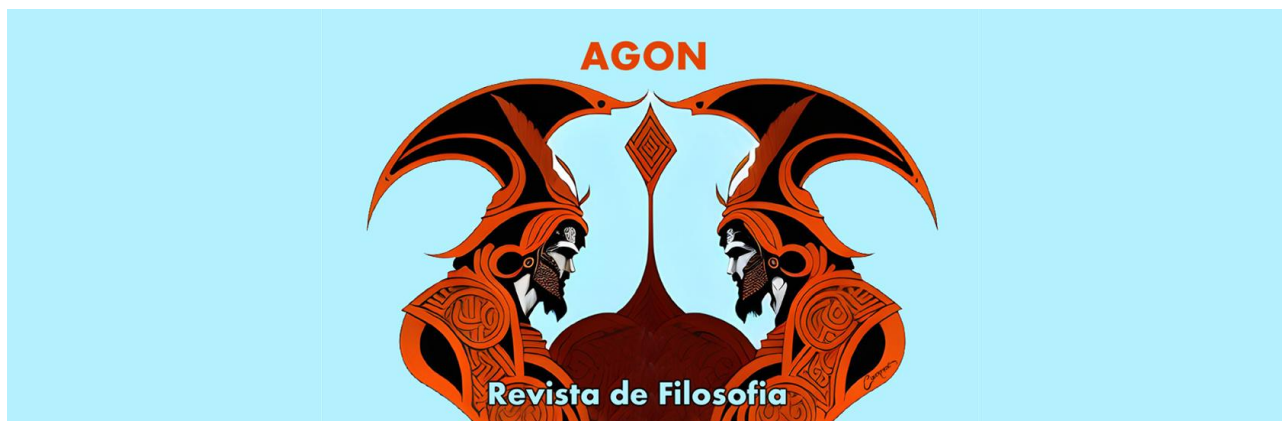
Conforme diz Kant, não é possível ensinar Filosofia, mas a filosofar, e filosofar é exercitar a razão. Nessa perspectiva, poder-se-ia dizer que filosofar, do ponto de vista kantiano, é pensar e questionar racionalmente, uma vez que o ser humano é dotado de racionalidade. Assim, na medida em que pensa e questiona de maneira coerente, está filosofando, ou seja, fazendo Filosofia. Para que essa empreitada do filosofar possa se dar de maneira mais completa, faz-se necessário retornar às origens da Filosofia, ou melhor, dos clássicos que deram uma contribuição fundamental para o desvelar do conhecimento. Esse retorno aos clássicos é essencial para que se possa ter um olhar mais amplo e aguçado sobre a realidade, procurando entender como esses pensadores contribuíram de maneira significativa para o esclarecimento de diversas questões da época. O objetivo é fazer com que o aluno possa fazer contato com esses pensadores em sala de aula e, ao mesmo tempo, tenha a oportunidade de sentir (perceber) os efeitos que o pensamento desses filósofos produziram no seu tempo, e como suas ideias continuam atuais no mundo contemporâneo.

O contato com o mundo dos clássicos permitirá ao aluno se situar sobre a



contribuição desses pensadores para a humanidade como um todo. O estudante constatará que tanto na Literatura quanto na Lógica, na Matemática, na Física, na Música e em várias outras áreas do conhecimento, a Filosofia continua viva e presente graças a esses pensadores, que tiveram a ousadia de olhar o mundo de uma maneira diferente. O simples fato de relatar em sala de aula quem foram esses filósofos não é suficiente: é necessário propiciar aos estudantes o contato com os textos dos referidos autores para que, através de uma leitura atenta, o aluno possa fazer esta interação com a dimensão das grandes questões propostas por eles. Caberá ao professor conduzir os jovens com atenção e tranquilidade nessa longa viagem pelo mundo da Filosofia. No entanto, o professor de Filosofia precisa ter a clareza de que tal tarefa não será fácil, pois estará lidando com adolescentes que, na maioria das vezes, não possuem o hábito da leitura – pois, infelizmente, essa é a realidade da escola pública e privada no Brasil. Em Filosofia, o hábito da leitura é fundamental para que esse processo do filosofar aconteça plenamente.

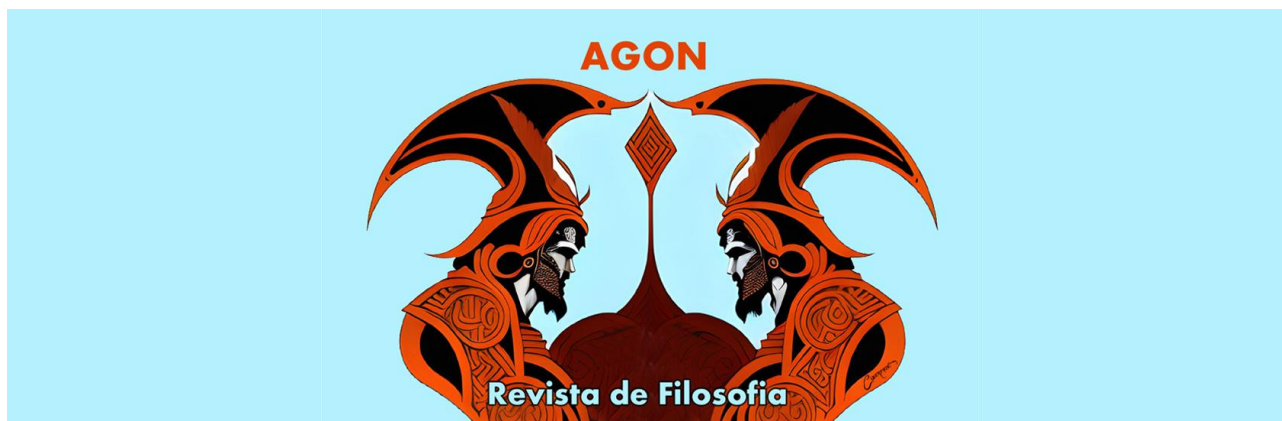
Num segundo momento, o professor também deverá ter a consciência de que trabalhar um texto clássico em sala de aula será uma tarefa que exigirá muito dele, demandando tempo e paciência. Isso é previsível por causa da dificuldade atribuída pelos alunos ao texto e também por causa do vocabulário próprio da Filosofia. O desafio do professor consiste justamente em demonstrar a riqueza presente nesses textos, despertando nos alunos a curiosidade e o desejo de continuar mergulhando cada vez mais no mundo da Filosofia. A filósofa Hannah Arendt, ao falar sobre a crise na educação, dirá que a crise de autoridade na educação está intimamente ligada à crise da tradição, isto é, com a crise da nossa atitude face a tudo o que é passado. Daí a importância de recorrer à tradição como uma maneira de compreender os acontecimentos existentes momento. Neste sentido, o professor deverá fazer essa mediação entre o antigo e o novo para que o aluno possa ser



situado num contexto mais amplo, para que a educação possa se dar de maneira mais completa. Segundo Arendt (1957, p.12), “Para o educador, este aspecto é especialmente difícil uma vez que é a ele que compete estabelecer a mediação entre o antigo e o novo, razão pela qual a sua profissão exige de si um extraordinário respeito pelo passado”. Essa reverência ao passado é essencial para que possamos compreender o momento atual e à Filosofia cabe estimular esse apreço por parte dos alunos.

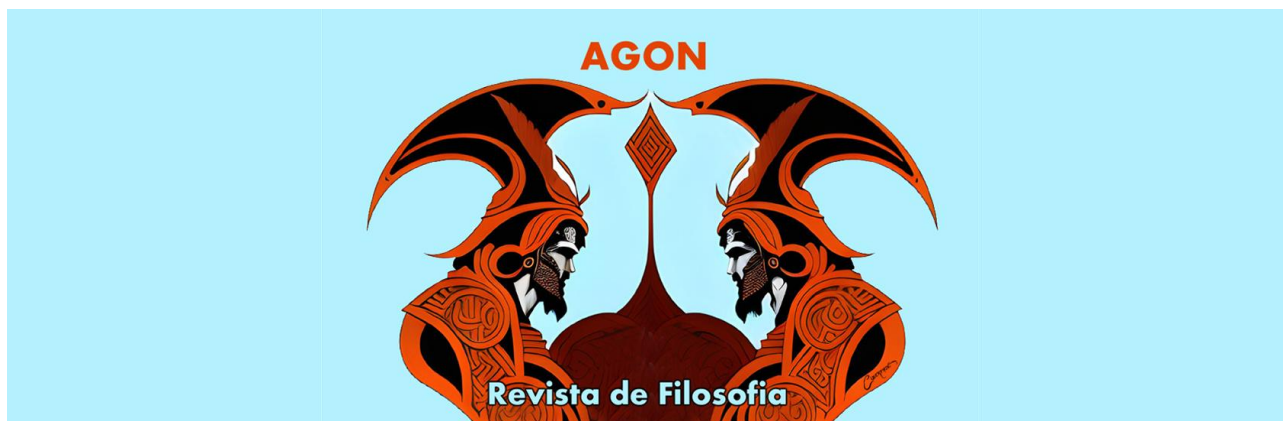
Podemos inferir que o professor, ao exercer, dialogicamente, sua autoridade diante dos alunos, deve ser aquele que, subsidiado por sua posição de mais velho e detentor de conhecimento, é capaz de representar o mundo, isto é, transmitir aos estudantes o legado das gerações anteriores e lhes permitir se apropriar desse legado, ampliando-o ou renovando-o. O educador, na visão arendtiana, será um mediador entre o velho e o novo, e deverá ter um grande respeito face ao passado, como um modelo; ou seja, é preciso ter a capacidade de enxergar na tradição uma grandeza inspiradora, que possa despertar no aluno uma maneira criativa para interpretar o mundo. Hannah Arendt (1957, p.13) nos indica, parafraseando Políbio, que o professor é aquele que atravessou a vida com os olhos no que passou, e o mestre é aquele que se arraigou firmemente na autoridade do passado. Arendt expressa com clareza que esse olhar lançado sobre o passado é fundamental e enriquecedor para o processo formativo dos educandos. Sendo assim, é impossível instruir bem os estudantes sem recorrer à tradição. Em seu texto intitulado *A Crise Na Educação*, Arendt nos chama à atenção para o fato de que o problema da educação no mundo moderno está ligado ao fato de que ela não pode abrir mão nem da autoridade, nem da tradição e está sendo obrigada a caminhar em um mundo onde não há autoridade e muito menos tradição.

Entretanto, diante do que já foi exposto até aqui, é plausível reconhecer a importância e a contribuição que os pensadores clássicos podem oferecer, no sentido de enriquecer a reflexão filosófica nas aulas de Filosofia. Em sala de aula, é importante que o professor leve



em conta a historicidade no processo do conhecimento, pois “(...) ao recorrer à história da Filosofia no processo de ensino/aprendizagem da Filosofia, deve-se levar em conta a afirmação da historicidade do conhecimento e não uma convicção de historicismo (...)” (SEVERINO, 2008, p. 26). Quando se fala em recorrer às origens da Filosofia para saber o que pensavam os filósofos clássicos acerca do filosofar, não se deve pensar em uma mera reprodução de algum conhecimento já elaborado. No entanto, a importância de retornar à origem é para apresentar contribuições e inovações filosóficas, a partir de um conhecimento já existente. Diante de tais observações, é possível perceber que não é plausível fazer Filosofia ou filosofar sem recorrer ao pensamento dos filósofos clássicos. Por isso também, a reflexão filosófica em sala de aula não pode ser realizada de maneira isolada, ou seja, compartimentada, valorizando alguns aspectos e desprezando outros. Ao contrário de tudo isso, a Filosofia é um diálogo e um vínculo inquebrantável com os clássicos e com os contemporâneos. É neste contexto de movimento e interação filosófica que “(...) o filosofar é, sem dúvida, uma grande experiência coletiva, como, de resto, o é toda a cultura humana” (2008, p. 26). Quando o professor propõe ou acolhe uma determinada questão filosófica para debater com a turma, é importante apresentar para os alunos como tal questão a ser discutida era entendida pelos filósofos antigos e como essa mesma questão é analisada pelos pensadores contemporâneos. Dado o momento em que o aluno estiver situado no tempo e no espaço, ele já “tem” as bases necessárias para lançar o seu argumento acerca da questão levantada. “Por tudo isto, o exercício do filosofar implica um diálogo especial com os pensadores do passado e mesmo com os pensadores contemporâneos (...)” (2008, p. 26).

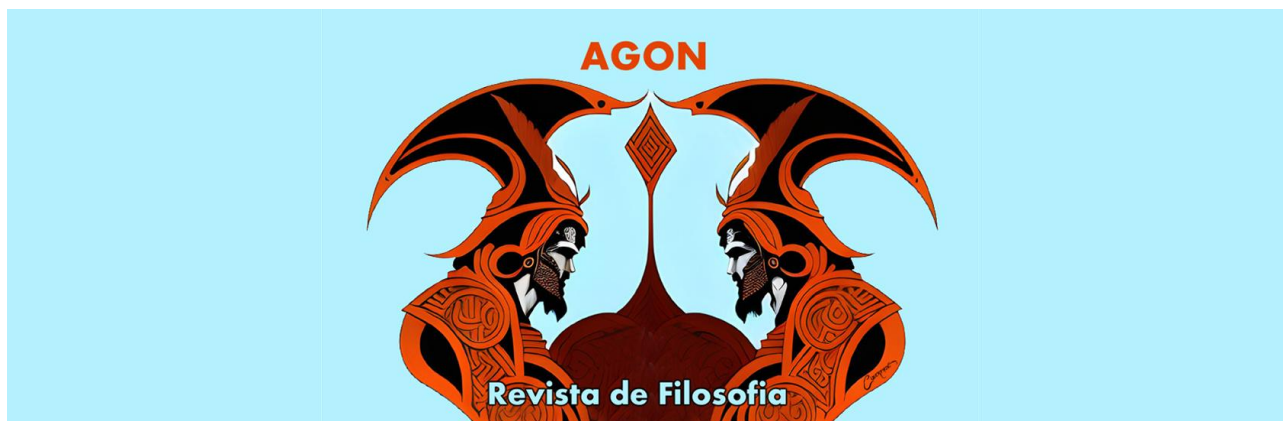
Portanto, quando se propõe a fazer uma reflexão filosófica em sala de aula, a finalidade deve ser despertar nos estudantes o “gosto” pela investigação minuciosa das questões a serem investigadas. Para concretizar a tentativa de apresentar uma suposta resposta para uma questão de dimensão filosófica, é preciso analisar o todo da questão e não



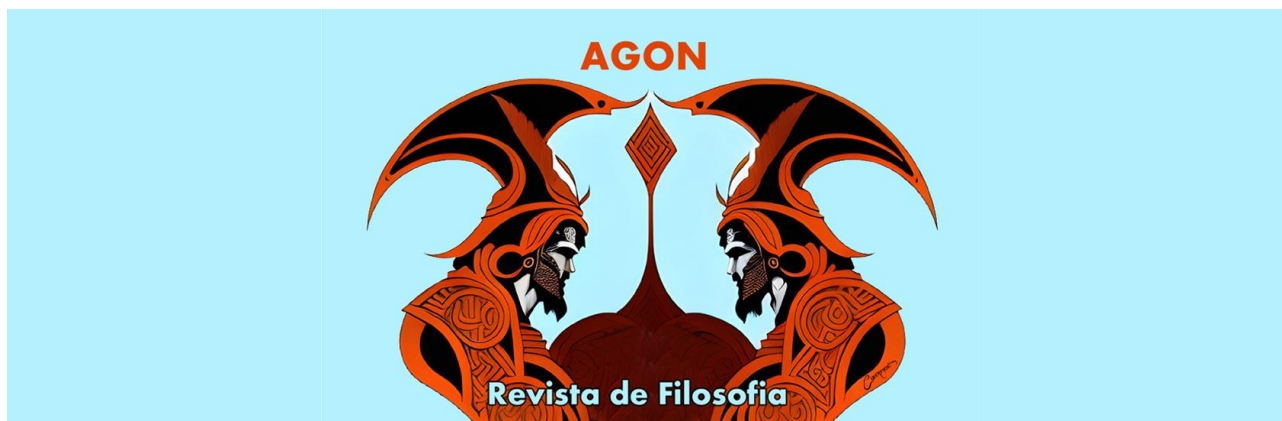
apenas os detalhes. Essa possível resposta não pode ser dada de imediato, pois exige tempo e amadurecimento intelectual. É a partir desse critério, ou seja, do diálogo com os pensadores do passado e do presente, que se dá a mediação pedagógica. Ela exige a retomada e a exposição das ideias dos pensadores, não como meras repetições, mas como uma dinâmica enérgica do pensar que é capaz de problematizar a nossa própria realidade. O processo de ensino-aprendizagem só é possível quando professor e aluno pensam e problematizam esse pensar, o que resultará num conhecimento novo no qual professor e aluno são sujeitos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, é importante ressaltar que a disciplina de Filosofia no Ensino Médio é de grande relevância, uma vez que pode contribuir de maneira significativa para a formação humana e intelectual dos estudantes. Podendo ainda, ajudá-los a pensar, refletir e problematizar sobre os mais diversos problemas que assolam a escola e a sociedade de modo geral. Desse modo, a Filosofia, enquanto disciplina, ocupa um papel central na construção do sujeito pensante, não desprezando aqui a contribuição das demais disciplinas. Outro ponto fundamental a ser destacado é que o olhar negativo com que muitas vezes os alunos olham para a Filosofia como um saber inútil, ou seja, sem uma utilidade prática, está ligado diretamente a uma questão metodológica e didática em relação ao seu ensino isso porque, na maioria das vezes, os profissionais que estão lecionando a disciplina são de outros campos dos saberes. Sendo assim, falam de um mundo ao qual não pertencem plenamente, e isso tem impactado de maneira negativa o ensino dessa disciplina na escola. Diante dos argumentos expostos, concluímos que o ensino da Filosofia é fundamental, visto que tem por finalidade proporcionar o diálogo, a reflexão e a autonomia do sujeito pensante, isto é,



tornar os alunos críticos, reflexivos e conscientes de seu papel na escola e na sociedade. A escola dever ser o espaço propício para a discussão (debate), reflexão e conscientização dos indivíduos. Seu objetivo é formar sujeitos que pensem e problematizem a realidade. Nesse sentido, a disciplina de Filosofia se apresenta como uma das ferramentas indispensáveis para a realização dessa tarefa em sala de aula.



REFERÊNCIAS

AREDNT, Hannah. Entre o Passado e o Futuro. São Paulo: Editora Perspectiva, 5ª edição, 2001.

ARISTÓTELES. Metafísica. Edição de Giovanni Reale. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

FREIRE, Paulo. **PEDAGOGIA DA AUTONOMIA**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GALLO, Sílvio; Kohan, Walter Omar (orgs). Crítica da alguns lugares-comuns ao se pensar a Filosofia no ensino médio. In: Filosofia no Ensino Médio. v.VI. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

KANT, I. Crítica da Razão Pura. Lisboa, Fundação Calouste Gulbekian: 2001.

_____. Lógica. Rio de Janeiro. Ed. Tempo Brasileiro: 1992.

SEVERINO, Antônio J. **O ENSINO DA FILOSOFIA**: historicidade do conhecimento e construtividade da aprendizagem. In: GALLO, Sílvio; CORNELLI, Gabriele; DANELON, Márcio (Orgs.). Filosofia do ensino da Filosofia. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

SILVEIRA. Renê J. **GOTO** Roberto (orgs). **FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO**: Temas, problemas e propostas. São Paulo: Loyola, 2007.